



ReLePe

II Jornadas Latinoamericanas de Estudios Epistemológicos en Política Educativa

18, 19 e 20 de agosto de 2014 - Curitiba - Paraná - Brasil

**FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS EPISTEMOLÓGICOS DAS
POLÍTICAS PÚBLICAS DOS NOVOS MODELOS DE EDUCAÇÃO
SUPERIOR: UM ESTUDO SOBRE A UNIVERSIDADE FEDERAL
DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA (UNILA)**

**FUNDAMENTOS Y PRINCIPIOS EPISTEMOLÓGICOS DE LAS
POLÍTICAS PÚBLICAS DE LOS NUEVOS MODELOS DE
EDUCACIÓN SUPERIOR: UN ESTUDIO ACERCA DE LA
UNIVERSIDAD FEDERAL DE INTEGRACIÓN
LATINOAMERICANA (UNILA)**

**EPISTEMOLOGICAL BACKGROUND AND PRINCIPLES OF
PUBLIC POLICY OF NEW MODELS OF HIGHER EDUCATION: A
STUDY OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF LATIN AMERICAN
INTEGRATION (UNILA)**

Suelen Pontes
Universidade Nove de Julho - Brasil
E-mail: suelen.pontes@hotmail.com

Manuel Tavares
Universidade Nove de Julho - Brasil
E-mail: tavares.lusofona@gmail.com

Eixo temático 2: Debates, enfoques e perspectivas epistemológicas da Política
Educativa

Resumo: Este estudo busca analisar a inclusão da diversidade cultural e epistemológica no ensino superior, especificamente na Universidade de Integração Latino Americana (UNILA). As epistemologias não ocidentocêntricas constituirão a base teórica de fundamentação do novo projeto de ensino e educação superior, tendo em vista a inclusão da diversidade cultural e epistemológica numa perspectiva não ocidentocêntrica, descolonial, emancipatória e popular. Buscamos a compreensão do contexto do surgimento da UNILA, partindo do decreto de lei 12.189, como o princípio filosófico se substancializa no projeto político pedagógico que contém bases humanísticas, de democracia cognitiva e politização científica. A UNILA como uma proposta de alternativa aos atuais modelos sistêmicos de educação superior procura contribuir para a integração latino-americana, reconhecendo a diversidade das identidades nacionais e dos elementos que unem nossas raízes e nossos destinos enquanto continente em face do mundo globalizado, quando pretende ser e afirmar-se como um modelo de ensino de educação superior contra hegemônicos. Diante disso buscaremos descrever a consolidação das propostas humanísticas no quadro de integração da vocação internacionalista e solidária da UNILA.

Palavras-chave: Educação superior. Integração. Inovação. Diversidade epistemológica.



Resumen: Con este estudio se pretende analizar la inclusión de la diversidad cultural y epistemológica en la educación superior, específicamente en la UNILA-Universidad de integración latinoamericana. Las epistemologías no occidentocêntricas constituirán la base teórica del nuevo proyecto de enseñanza y educación superior, con miras a la inclusión de la diversidad cultural y epistemológica en una perspectiva no occidentocêntrica, descolonial, emancipadora y popular. Buscamos comprender el contexto de surgimiento de la UNILA, partiendo del decreto de ley 12. 189, como el principio filosófico se substancializa en el proyecto político pedagógico que contiene bases humanistas, de democracia cognitiva y politización científica. La UNILA como una propuesta alternativa a los actuales modelos sistémicos de la educación superior, pretende contribuir a la integración latinoamericana, reconociendo la diversidad de identidades nacionales y los elementos que unen a nuestras raíces y nuestros destinos como continente ante un mundo globalizado, pretende ser y afirmarse como un modelo de enseñanza de la educación superior contra-hegemónica. Con lo cual describiremos la consolidación de las propuestas humanistas en el marco de la integración de la vocación internacionalista y solidaria de UNILA.

Palabras clave: Educación superior. Integración. Innovación. Diversidad epistemológica.

Abstract: This study seeks to examine the inclusion of cultural and epistemological diversity in higher education, specificaly on UNILA-University of Latin American Integration. Non-eastern epistemologies will form the basis of the oretical justification of the new project of education and higher education, with a view to the inclusion of cultural and non-easten diversity, descolonial, emancipatory and popular epistemological perspective. We seek the compression context of emergence of UNILA, starting from the point of how the philosophical principle introduced in the Decree of Law 12. 189 substancialized in pedagógical polítical Project containing humanistic bases of cognitive democracy and politicization.. UNILA as a proposed alternative to the current systemic models of higher education, seeks to contribute to the Latin American integration, recognizing the diversity of national identities and the elements that join our roots and our destinations while mainland in accordance withsuch globalized world, whenit´smeant to be and to assert as a teaching model of higher education against the hegemonicones. According to this, weintend to describe the consolidation of humanistic proposal swithin the frame work of integration of the internationalist vocation and solidarity of UNILA.

Keywords: Highereducation. Integration. Innovation. Epistemological diversity.

Introdução

Este é um trabalho que busca analisar a inclusão da diversidade cultural e epistemológica no ensino superior, especificamente na Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA).

Se nos remetermos à história das universidades, apesar de algumas rupturas que ao longo da história se foram processando, é possível compreendermos a herança cultural do ocidente na construção dos modelos de educação superior (Portugal, França, Alemanha e Estados Unidos) tal como os



modelos de sociedade dominantes em cada um dos períodos históricos. Os modelos humboldtiano e napoleônico, tal como as suas versões americanas, estão na origem do paradigma, ainda dominante, nas universidades brasileiras.

O primeiro modelo instituído no Brasil foi o napoleônico, em 1808, tendo por finalidade formar os quadros superiores do país que pertenciam às elites, caracterizando-se por uma visão utilitarista da universidade. Por sua vez, o modelo humboldtiano, de origem alemã (1808), tinha por finalidade o desenvolvimento da ciência e a formação moral e intelectual da nação. Daí a importância atribuída à pesquisa e à relação com o ensino. A universidade se tornou importante como instituição, de modo global, na primeira metade do século XX, com forte influência europeia e americana. Nos últimos anos, já no século XXI, a alteração de algumas políticas para o ensino e educação superiores (PROUNI, REUNI, LEI de COTAS) conduziram a modificações no interior das instituições e a “processos de modernização”, que contribuíram para o aumento do número de estudantes e para um processo, ainda que ténue, de democratização.

A universidade sobre a qual incide o nosso estudo – UNILA - possui em seu projeto político pedagógico a proposta para uma atividade humanística, científica e tecnológica, voltada para a integração internacionalista dos países latino-americanos, com ênfase nos países que fazem parte do MERCOSUL, centrados na tríade Argentina, Brasil e Paraguai. Por se tratar de um modelo diferente dos modelos tradicionais, pretendemos compreender como emergiram as epistemologias não ocidentocêntricas no universo da integração e a viabilidade de aplicação das propostas de inovação no âmbito das matrizes curriculares. Na atual fase do processo de globalização assistimos a uma certa dissolução das fronteiras, quer no que diz respeito a mercadorias quer a pessoas e bens; neste sentido, os novos conhecimentos tendem a atravessar as barreiras intercontinentais, miscigenando-se com outros saberes e tornando-se disponíveis a todas as culturas. A dissolução das fronteiras e o confronto entre saberes que ela possibilita pode contribuir para a “recuperação do sentido de humanidade”, assim como para uma “visão emancipatória do conhecimento” (TAVARES, 2011, p. 12), ao mesmo tempo em que uma cultura global,



avassaladora surge como ameaça, tentando impor-se globalmente na tentativa de uniformização do pensamento.

O projeto UNILA, além de possuir um impacto nas políticas públicas para a educação superior e na relação com a economia local, com vocação internacional, busca olhar para as necessidades da região, rompendo também com os modelos de educação superior e de ensino tradicionais, buscando desenvolver uma contra-ideologia, não hegemônica, no plano acadêmico e na relação que estabelece com a comunidade. Possui, no entanto, o desafio de fazer a inclusão da diversidade epistemológica nas suas matrizes curriculares e nas respectivas ementas, indo ao encontro da sua proposta de integração e num processo de desconstrução das matrizes tradicionais de Ensino Superior, ainda de caráter eurocêntrico.

A interpelação das epistemologias não eurocêntricas ao pensamento ocidental

O Processo de Descolonização/Libertação

O processo de descolonização/libertação é, em primeiro lugar, um processo político e que resulta da luta dos povos pela sua libertação. Em segundo lugar, é um processo complexo de libertação das consciências que tem o seu início com a tomada de consciência dos efeitos do colonialismo em toda a realidade social, mas também do saber e do ser; a colonização do saber se constituiu pela utilização do conhecimento de modo imperial com o objetivo de suprimir as subjetividades, silenciando os sujeitos, submetendo-os a formas de dominação colonial.

No mundo moderno/colonial a história da estruturação do conhecimento é resultante de um movimento de humilhação e marginalização imposto pelas matrizes coloniais de poder. A colonialidade do poder, do ser e do conhecimento é, segundo Quijano, a face oculta da modernidade. Neste sentido, o processo 'decolonial' depende do reconhecimento de espaços, experiências e expectativas contra as hegemonias coloniais, que são invisíveis,



mas que estão postas dentro de suas matrizes. Destes reconhecimentos emerge a recriação de novos horizontes de ser e saber que conduz a novas experiências e modos de vida, de conhecimento e de visão de mundo.

O projeto de descolonização deve conduzir à consciência da transformação completa das relações estruturadas pelas diferenças imperiais e coloniais, ou seja, implica a transformação das matrizes coloniais de poder.

Para que seja possível um diálogo intercultural, torna-se necessário, em primeiro lugar, um processo de descolonização das mentes que, por sua vez, permitirá uma descolonização epistémica possibilitante de um intercâmbio de experiências e significações e a abertura a outras racionalidades.

O intercâmbio, proposto pela Universidade de Integração Latino Americana (UNILA) pode funcionar como um espaço de experiência que assume outras expectativas a que Mignolo chama “pluri-versalidad” (MIGNOLO, 2010, p.125), como um projeto universal que faz emergir outras racionalidades silenciadas e subalternizadas que Mignolo denomina por *pensamento liminar*. Esse pensamento abrange um mundo de histórias locais que pode suscitar um conjunto de articulações entre a diversidade cultural e a alteridade tendo em vista a construção de um projeto universal decolonial, pós-ocidental e anti-imperialista. Esse pensamento, que surge dos “entre-lugares” é um pensamento fronteiro, dado que está nas ruínas e nas margens criadas pela colonialidade, de onde poderá surgir um horizonte epistemológico transmoderno, pós-ocidental, anti-colonial e anti-imperialista (MIGNOLO, 2010).

A Construção da Diversidade

O conceito plural de diversidade vem sendo amplamente evidenciado nos setores educativos, sendo possível ser identificado nos debates, nas literaturas e nas pesquisas. Este conceito é muito utilizado no projeto político pedagógico da Universidade da integração Latino Americana (UNILA) - que propõe uma atividade humanística, científica e tecnológica, voltada para a integração dos países da América Latina e, supostamente, de toda a diversidade que a constitui.



Com a supressão das identidades imposta pelas diretrizes coloniais, refletidas no campo educativo, a reivindicação deve, primeiramente, desconstruir a “autoimagem negativa atribuída pelos colonizadores a diferentes povos” (COPPETE, 2012, p.234) para se reconstruir numa nova perspectiva que leve em consideração a própria diversidade, assim como o seu papel social.

Nas políticas públicas, no caso brasileiro, no final dos anos de 1990, surge a preocupação com a diversidade cultural e, em particular, com a articulação entre raça e etnia, levadas diretamente para o campo educacional que ficou incumbido de incorporar a pluralidade cultural como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais, assim como em vários decretos-lei e artigos voltados para assegurar a garantia da educação especial, da inclusão da educação indígena e afrodescendente.

Na modernidade ocidental, os conceitos de exclusão e desigualdade assumem significados distintos e as políticas sociais acabam por se afirmar como princípios regulatórios que não contribuem para a emancipação social. Santos (2010, p. 279) refere a este propósito:

Aí vigoram a desigualdade e a exclusão como princípios de regulação cuja validade não implicou qualquer relação dialéctica com a emancipação. Durante o longo tempo do ciclo colonial, a “opção” para essas sociedades foi, quando muito, entre a violência da coerção e a violência da assimilação. A importância da perspectiva pós-colonial reside hoje em mostrar que o “outro” da modernidade e que a sua exclusão do círculo da dialéctica regulação/emancipação co-determinou o fracasso desta no âmbito em que foi confinada, as sociedades europeias. Continua, no entanto, a ser importante analisar a trajectória desse fracasso, um fracasso que se desenrolou como se o colonialismo não fosse um factor, o que igualmente escapou aos mais acérrimos críticos desse fracasso.

Observamos que o conceito de multiculturalismo tem sido utilizado, no Brasil, especialmente pelo poder público, como referência à diversidade. De fato, o conceito de multiculturalismo, utilizado neste sentido descritivo representa uma estratégia política para contornar situações de diversidade e de desigualdade numa sociedade culturalmente plural.



O fenômeno da diversidade cultural constitui uma enorme riqueza das sociedades. Todavia, a sociedade capitalista, profundamente hierarquizada, considera a diversidade como uma ameaça à ordem cultural dominante e hegemônica e, por isso, toma-a como fator de exclusão. Os excluídos são dominados por uma lógica de segregação e de diminuição/discriminação perante o outro. Santos, ao referir-se ao fenômeno da exclusão, aponta as questões sociais e culturais como o retrato da civilização. Tomando como referência Michel Foucault, afirma:

[...] trata-se de um processo histórico através do qual uma cultura, por via de um discurso de verdade, cria o interdito e o rejeita. Estabelece um limite para além do qual só há transgressão, um lugar que atira para outro lugar, a heterotopia, todos os grupos sociais que são atingidos pelo interdito social, sejam eles a delinquência, a orientação sexual, a loucura, ou o crime. (SANTOS, 2010, p. 281).

Santos nos esclarece que é justamente no século XIX que se iniciam as contradições do capitalismo na modernidade e utiliza Karl Marx – o grande teórico e revolucionário – para explicar melhor esta questão da desigualdade na modernidade capitalista, fundamentada na relação entre capital e trabalho:

[...] a relação capital/trabalho é o grande princípio da integração social na sociedade capitalista, uma integração que assenta na desigualdade entre o capital e o trabalho, uma desigualdade é mais bem conhecida de todos nós, pelo que não exige mais elaboração neste momento (SANTOS, 2010, p. 281).

A exclusão social tem, assim, de acordo com o pensamento de Santos, apoiado na teoria marxista, uma base material, resultando da diferença entre o capital e o trabalho que, por sua vez, constitui o fundamento da hierarquização social e, conseqüentemente, da exclusão. Os explorados pelo capital situam-se na base da hierarquia social e, por sua vez, são os excluídos.

Na construção da diversidade há conceitos primordiais que são associados ao multiculturalismo. O primeiro deles está relacionado à forte presença da hierarquia nas relações dos distintos grupos culturais e à dinâmica destes grupos, que se modificaram ao longo da história, transitando de sociedades coloniais para sociedades pós- coloniais. Coppete nos apresenta



um terceiro aspecto que está relacionado “à articulação ou não entre as desigualdades socioeconômicas e as diferenças culturais.” (2012, p.236). Como dizíamos, as desigualdades sociais relacionam-se com as desigualdades econômicas e, por sua vez, aqueles que pertencem a culturas diferentes da cultura dominante, porque são, nas sociedades ocidentais, grupos minoritários são também vítimas da discriminação e da exclusão. A diversidade cultural, neste sentido, é fator de exclusão social. Nesta perspectiva, o conceito de multiculturalismo, como referiremos de seguida, é legitimador do domínio de uma cultura sobre as culturas minoritárias.

O multiculturalismo

O multiculturalismo é um conceito eurocêntrico, que mascara o problema das relações do poder, da exploração, das desigualdades, da exclusão. É uma ferramenta hegemônica que acaba dominando os espaços sociais - não excluindo o educativo - criando a ilusão de estabelecimento de diálogo intercultural. Somente uma visão multicultural emancipatória contribuirá para o desenvolvimento real do interculturalismo, proposta de diálogo entre propostas culturais diversas e que tem como fundamento o respeito pela diversidade cultural.

Tavares (2012), ao referir-se ao multiculturalismo no espaço educativo, considera que a diversidade cultural que nele existe é submersa por uma cultura hegemônica que se impõe às outras culturas, tendendo a reproduzir-se e a perpetuar-se. Ao nível da educação superior prevalecem relações coloniais que impõem modelos culturais, epistemológicos e de poder dominantes. O que acontece nos espaços educativos é o resultado da supremacia de uma cultura que domina em todas as esferas, desde a esfera econômica à esfera cultural e educacional. As políticas neoliberais, com impactos nas universidades, tendem a homogeneizar os modelos econômicos e sociopolíticos impedindo o direito à diversidade cultural, econômica, política e epistemológica.

A educação possui uma centralidade no processo de construção cultural e identitária podendo levantar-se a seguinte questão: como é possível, ao nível



da educação escolar e superior resistir a uma cultura hegemônica, assim como aos seus atributos de sedução e violência eurocêntricos, que partem dos currículos monoculturais? Uma educação multicultural, na perspectiva de Coppete (2012, p. 237), implica “o movimento em prol da equidade social, e contra o preconceito”. A ruptura com uma monocultura, responsável pelo silenciamento cultural, faz emergir as culturas silenciadas e oprimidas. Uma educação multicultural, seja a que nível for, implica uma alteração curricular: de um monoculturalismo a um multi e interculturalismo.

A perspectiva multicultural contemporânea, defendida por teóricos da América Latina, conduz à *hibridação cultural*, que vem alterando os conceitos de identidade, diferença, desigualdade. Canclini (2013, p. 285) refere a este propósito:

Sem dúvida a expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridação cultural o que significa para as culturas latino-americanas que países que no começo do século tinham aproximadamente 10% de sua população nas cidades concentrem agora 60 ou 70% nas aglomerações urbanas? Passamos de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais como culturas tradicionais, locais e homogêneas, em algumas regiões com fortes raízes indígenas, com pouca comunicação com o resto de cada nação, a uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação.

No exame das culturas híbridas articulando a modernidade e a pós-modernidade, a cultura e o poder, podemos identificar que as transformações não eram responsabilidade exclusiva dos meios de comunicação, mas também do expressivo crescimento urbano, que reestruturou a sociedade.

Como referimos anteriormente, o multiculturalismo, meramente descritivo e retórico, deverá conduzir a uma perspectiva intercultural, de diálogo entre as diversas culturas que compõem o tecido social e educativo.

O interculturalismo

O interculturalismo se apresenta como uma proposta política educativa para aprofundar a democracia representativa e transformá-la em uma democracia mais participativa numa cidadania multicultural e intercultural.



Reconhecer a existência dos diferentes grupos culturais pressupõe que as distintas sociedades estão sendo tratadas como iguais dentro de suas diferenças, e esse é o passo para o interculturalismo, consequência da multiculturalidade.

Tavares nos aponta que, atualmente, na América Latina um dos aspectos da interculturalidade na esfera educativa é a inclusão do bilinguismo como um imperativo para que seja possível uma educação descolonizadora e intercultural (2012, p. 16):

[...] Sem ela (a descolonização) a interculturalidade será mera retórica e uma miragem, um *wishful thinking* que, como tal, será ilusória; sem ela, toda a emancipação por meio da educação será, invertendo a expressão de Freire, um inédito inviável. Descolonizar significa dar visibilidade aos povos silenciados e oprimidos pelo colonialismo, capitalismo e neocolonialismo e para isso não basta o simbolismo das leis. Dar visibilidade significa que o projeto político intercultural deve viabilizar a participação equitativa no poder e assumir-se também como um projeto econômico redistribuindo a riqueza e reparar as injustiças provocadas por uma ordem global injusta.

A educação intercultural contém uma perspectiva unificadora, enfatizando as relações dos diferentes sujeitos culturais enquanto a educação *multicultural* consiste em buscar o reconhecimento da identidade das minorias étnicas. O *inter*, marca a interação, a reciprocidade, o intercâmbio, que podem ser caracterizados como uma vontade de mudança no contexto de uma sociedade multicultural.

As epistemologias que emergem em torno da interculturalidade apontam para a descolonização do saber, do poder, do ser e do viver, com a finalidade de garantir a convivência entre todos os seres humanos numa relação de proximidade com a natureza e com o contexto em que vivem. O intercâmbio entre as diferentes culturas conduz a um processo enriquecedor de mestiçagem cultural, apaziguador das divergências fronteiriças.

A *interculturalidade crítica* aponta para um novo modelo de construção de sociedade, com outra ordem, problematizando as questões raciais e organizações coloniais assim como a sua ligação com o próprio capitalismo. A interculturalidade crítica exige alternativas que vêm das bases sociais, que partem de um entendimento que questiona o ordenamento do poder, pondo em



causa os “mecanismos já existentes de dominação e silenciamento” (LOURENÇO; TEODORO, 2013, p. 175).

Na esfera educativa, uma abordagem intercultural implica a possibilidade de auxiliar as pessoas a se apropriarem do universo do outro, da sua história, da sua cultura, do seu modo de pensar, de ver o mundo e as coisas. Essa troca enriquece, muda a visão do outro, propõe um novo olhar sobre as mesmas coisas, sobre as suas próprias raízes. Isso torna a educação intercultural emancipatória, pois se constitui da visão plural da *multiplicidade de olhares*, e nas relações com as diferentes culturas.

Esse movimento nem sempre é tranquilo dado que apropriar-se de outra cultura e reinventar a sua própria vida não é uma tarefa simples. A educação intercultural é configurada como uma pedagogia do encontro/confronto e essas distintas narrativas proporcionam uma oportunidade singular de crescimento pessoal. Então, a dinamicidade é um de seus principais fatores (CARRILLO, 2013, p. 23).

Em todos los casos las propuestas se inscribieron en los lineamientos estratégicos del Plan Nacional de Desarrollo orientado a contribuir a la transformación del país, coadyuvando al desmontaje del modelo de desarrollo concebido desde el colonialismo y el neoliberalismo hacia la construcción del Estado plurinacional, social y comunitario, promotor y protagonista del desarrollo. Sustentado en la filosofía de la interculturalidad y el “vivir bien”, plantea la convivencia armónica y la complementariedad entre el acceso y disfrute de los bienes materiales y la realización afectiva, subjetiva e intelectual, en armonía con la naturaleza y en comunidad con los seres humanos. (También plantea el desarrollo de la economía estatal, comunitaria, mixta y privada).

Neste caso, o interculturalismo é analisado como uma medida estratégica do presidente Evo Morales Ayma desde 2006, na Bolívia, que contribuiu para a revolução cultural e democrática, ampliando e aprofundando a democracia pluricultural. Uma educação intercultural ao serviço das comunidades e enraizada nelas, constitui, assim, um modelo alternativo à educação neoliberal, concebida pelo capitalismo colonial para servir o mercado capitalista.

No caso da Universidade, que pretende estabelecer uma relação dialética entre o conhecimento e ação, a afirmação da interculturalidade



implicará um debate que questione o Estado, a sua natureza e a relação com as suas bases materiais, produtivas, econômicas e tecnológicas que são próprias do seu entorno. Um novo modelo de educação superior supõe a crítica à universidade como aparelho ideológico do Estado, para a pensar como instituição ao serviço da comunidade, o que implica uma reflexão da universidade a partir da economia política do conhecimento. A este respeito, Yapu (2013 p.110) refere o seguinte:

[...] Adopta más bien una perspectiva materialista de la producción y la distribución de conocimientos, y la formación de recursos humanos como ciudadanos. Invita a abordar a la universidad desde la economía política del conocimiento y de los sujetos.

Do mesmo modo, a cultura como forma de convivência, implica a análise política de poder, exige entender as dinâmicas, assim como as formações dos grupos de poder. A prática política universitária é diferente, porém são os mesmos atores, mas intelectuais, da classe média que transitam entre a universidade e as estruturas de poder; assim, são ministros, parlamentares, deputados.

A interculturalidade na educação superior remete não apenas ao campo da produção dos bens materiais, mas também à produção de bens simbólicos, de novos elementos culturais, de intercâmbio entre valores diferentes centrados no reconhecimento e respeito para com o outro, na solidariedade e tolerância entre perspectivas diferentes. (YAPU, 2013).

O campo da pesquisa: UNILA – Universidade da Integração Latino Americana – como projeto contra-hegemônico de educação superior

A Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA) não é, apenas, um projeto de educação superior, mas também se enquadra num projeto político estratégico de relacionamento com os países da região. A sua proposta matricial é, desde logo, uma tentativa de superação do imperialismo colonial no campo cultural e epistêmico. Sua proposta política é voltada para a difusão científica, a inclusão da diversidade e a democracia cognitiva



omnilateral, em uma proposta multilíngue e multicultural, rompendo com os padrões tradicionais.

A UNILA, em seu projeto político-pedagógico busca essa diversidade epistêmica, a inclusão de outras culturas, estando voltada às tecnologias de inovação com bases humanísticas, que buscaremos procurar descrevê-las na nossa pesquisa.

A proposta de criação da UNILA se deu em dezembro de 2007, por meio de um projeto de lei que o Ministério da Educação enviou à Presidência da República, representada por Luís Inácio Lula da Silva. Foi decidido que a sua sede seria instituída no Estado do Paraná, em Foz do Iguaçu, estratégia que permite a junção entre o nordeste da Argentina, Oeste do Brasil com o Leste do Paraguai. Propositadamente, essa interação fronteiriça favorece o diálogo e a interação regional, com a cooperação e o intercâmbio solidário entre os demais países.

Na proposta de criação da UNILA referem-se os seguintes objetivos:

- A alta formação de recursos humanos, que venha a contribuir para o desenvolvimento e integração cultural de sociedades mais justas, estimulando o desenvolvimento do intercâmbio científico e tecnológico entre as universidades e institutos de pesquisa na região;

- Contribuir para a promoção de uma rede de cooperação solidária e intercâmbio acadêmico entre os países da América Latina;

- Cooperar para a América Latina possuir programas de pesquisa e cursos que enfatizem o desenvolvimento econômico, a sustentabilidade, a preocupação pelos recursos naturais, sociais e linguísticos, as relações internacionais, investindo nas áreas que possibilitem o desenvolvimento da região.

- Oferecer uma contribuição para o amadurecimento da democracia, ao formar jovens na proposta de integração, em uma estratégia de inseri-los na sociedade do conhecimento (Decreto-lei 12.189 de criação da universidade).

Um dos grandes desafios da UNILA é o de responder às demandas não só nacionais como internacionais, no momento em que a universidade integra outros países. A universidade se propôs a produzir um alto nível de qualidade,



tanto na questão acadêmica quanto na questão social, fundamentadas em uma ética de respeito pela diversidade e pelos direitos humanos universais.

Finalmente, importa sublinhar que uma universidade, para enfrentar os desafios que se colocam à América Latina, necessita ser concebida com flexibilidade e versatilidade, de forma a enfrentar, com sucesso, as diferentes situações que se apresentarem. Além disso, propõe ser uma universidade sem muros e sem fronteiras, que combine com o avanço da ciência e da tecnologia com a interação entre os saberes elaborados pela academia com os saberes produzidos pelos mais diversos segmentos sociais, com vistas a fazer do conhecimento um instrumento de promoção humana.

Cabe aqui destacar que em sua proposta, a UNILA demonstra estar longe de fazer parte da predominância da estrutura disciplinar das universidades tradicionais, que possuem um modelo ocidentocêntrico. Em seu discurso, apresentam projetos interdisciplinares de gestão e de produção do conhecimento, fazendo-o emergir de uma universidade não-ocidentocêntrica, favorecendo a materialidade das epistemologias do Sul, aparentando ser uma possibilidade de superação do silenciamento a que estiveram votados os povos do Sul, podendo ser o embrião potenciador de novas formas acadêmicas de sociabilizar o conhecimento, de modo mais peculiar, mais humano, mais efetivo, tendo extrema relevância e um enorme papel social no desenvolvimento em geral da região latino-americana.

A constituição da UNILA

Aos 12 de janeiro de 2010, a UNILA foi criada pela Lei nº 12.189. Sua missão era a de contribuir para a formação de sociedades mais justas, cooperando para a integração solidária por meio da “indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão” (PDI, 2013-2017, p.7) na formação de indivíduos comprometidos com o conhecimento, resultando na busca de soluções acadêmicas, científicas e tecnológicas para os problemas da América Latina e Caribe.



A UNILA é um projeto que pertence ao governo brasileiro e não possui uma legislação própria, assim como as outras universidades de movimentos sociais nacionais. A Universidade da Integração Latino Americana é ainda muito recente, com grandes desafios, principalmente na consolidação de seu projeto.

A UNILA foi tutelada pela Universidade Federal do Paraná. Desde 2008 essa universidade vem sendo planejada, o primeiro passo foi a criação da Comissão de Implantação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (CI-UNILA) pelo Ministro da Educação, Fernando Haddad no segundo mandato do presidente Lula.

A CI-UNILA foi presidida por Hélio Henrique Casses Trindade, professor titular de ciências políticas, membro da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, ex-Reitor da UFRGS, foi designado reitor pro-tempore da UNILA até julho de 2013 e mais treze membros, que tinham como função a construção das matrizes curriculares da UNILA.

Os treze membros que compunham a CI-UNILA são especialistas que foram escolhidos pelo seu conhecimento no campo da América Latina e das relações que são estabelecidas internacionalmente, com o intuito de materializarem as propostas de um projeto de empreendimento ímpar, considerando a UNILA uma Universidade especial em face das Universidades tradicionais, que possuem um caráter propriamente hegemônico.

Ao que se compreende até então, a proposta da UNILA por meio da integração da cultura, da ciência e da tecnologia, também foi pensada do ponto de vista comercial, porém este não foi o eixo norteador da proposta que levou adiante a construção de uma Universidade que também pretende ter um significado histórico para as futuras gerações.

Até que seu projeto arquitetônico, construído pelo escritório de Oscar Niemeyer, fosse concluído, previsto para ser utilizado parcialmente em Julho de 2014, a UNILA iniciou suas atividades acadêmicas com sua primeira turma de estudantes em agosto de 2010, em uma sede provisória, situada na Fundação Parque Tecnológico de Itaipu (PTI).



Conforme nos aponta o Plano de Desenvolvimento Institucional da UNILA, PDI - 2013/2017, ao iniciar suas atividades, a UNILA oferecia seis cursos de graduação: Ciências Biológicas Ecologia e Biodiversidade; Ciências Econômicas: Economia, Integração e Desenvolvimento; Ciência Política e Sociologia: Sociedade, Estado e Política na América Latina; Engenharia de Energias Renováveis; engenharia Civil de Infraestrutura e Relações Internacionais e Integração.

O que ficou pactuado com o MEC, em dezembro de 2010, foi que a Unila ofereceria os cursos de: Ciências Biológicas-Ecologia Biodiversidade, Ciências Econômicas: Economia, Integração e Desenvolvimento, Ciências Agrárias, Geologia, Engenharias, Farmácia, Computação, Arquitetura, Artes, Música, Educação Física, Administração, Letras, História, Formação de Professores, Geografia, Relações Internacionais, Direito Internacional, Saúde Pública, Cinema, Educação, Física, Química, Matemática e Meio Ambiente, o que totalizaria quando a Universidade tivesse a sua implantação plena, 9900 matrículas.

No ano de 2011 foram aprovados mais sete cursos: Antropologia: Diversidade Cultural Latino-Americana; Ciências da Natureza: Biologia, Física e Química; Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar; História – América Latina; Letras, Artes e Mediação Cultural; Letras, Expressões Literárias e Linguística; e Geografia – Território e Sociedade na América Latina.

Neste mesmo ano, teve início a área da pós-graduação com a oferta de cursos de Especialização em Literatura Latino-Americana e Especialização em Energias Renováveis, com ênfase em Biogás, primeiro curso com módulo a distância – em parceria com Fundação do Parque Tecnológico de Itaipu (FPTI).

Em 2012, além de oferecer os doze cursos aqui citados, tiveram início os cursos de Saúde Coletiva, Arquitetura e Urbanismo, Música e Cinema e Audiovisual, somando um total de 16 cursos ao nível da graduação.

Contando com a parceria da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e a FPTI a UNILA, no ano de 2012, também passou a oferecer os cursos de Especialização em Tecnologias Sociais para a Inclusão Socioeconômica, a Democratização Política e o Desenvolvimento Local, o que



veio a contribuir para a formação do pessoal de recursos humanos, no âmbito de proporcionar estratégias para a inclusão social baseadas na produção e uso das tecnologias sociais. Prevê-se que em meados de 2014 terá a sua primeira turma do curso de medicina.

A UNILA ainda realiza as suas atividades acadêmicas em espaços provisórios, seu campus definitivo se encontra em construção. Por sua dimensão, trata-se da segunda maior obra da história da região, com área equivalente a 155.000 m², antes da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

A anexação da UNILA no plano regional e suas contribuições para a integração da América Latina e Caribe

A escolha da região de Foz do Iguaçu para a implantação da UNILA se deu por sua localização estratégica, pois além de integrar as fronteiras da Argentina, do Brasil e do Paraguai, essa região possui características multiculturais favorecendo a interação dialógica e regional.

Essa região possui uma escassez de vagas universitárias, em particular nas instituições públicas, o que também justifica a implantação da UNILA na região, diante dessa necessidade. Também há uma preocupação na expansão do acesso às classes menos favorecidas.

A grande preocupação que a UNILA apresenta é atuar na propagação científica e tecnológica, objetivando a diversidade geográfica, ambiental e cultural latino-americana e caribenha.

No Plano do seu Desenvolvimento Institucional, manifesta-se a sua importância no desempenho do papel de sua inserção na região e seu desenvolvimento científico e tecnológico, artístico e cultural, mas, simultaneamente, o seu papel estratégico na contribuição para a integração solidária, baseada no apoio mútuo e na equidade, associando reciprocamente os recursos e os conhecimentos.

Todo esse esforço surge como um desafio às diferentes áreas de conhecimento, buscando estabelecer um diálogo com os diferentes campos de conhecimento de forma multi e interdisciplinar. Do ponto de vista



epistemológico, a missão desta nova universidade é tomar a produção do conhecimento como veículo da integração e consolidação solidárias.

A Interdisciplinaridade na UNILA

A interdisciplinaridade constitui um dos aspectos centrais dos projetos epistemológico e pedagógico da UNILA no sentido de estabelecer uma ruptura com os modelos disciplinares de educação superior, que caracterizam a educação superior tradicional. As questões relacionadas com a diversificação dos conteúdos curriculares e das abordagens metodológicas ligam-se à prática da construção do conhecimento numa perspectiva de interação e complementaridade. Como projeto inovador de educação superior, a inclusão da diversidade cultural e epistemológica implica que a interdisciplinaridade constitua o eixo central das atividades de pesquisa e de extensão, articuladas por um programa específico. O diálogo interdisciplinar, quer ao nível da pesquisa quer do ensino e da extensão proporcionam um debate epistemológico que gera a produção de novos conhecimentos com configurações substancialmente diferentes das que encontramos no debate epistemológico clássico. A abertura a outros saberes, enraizados na diversidade cultural, é geradora de um diálogo intercultural que não está presente na epistemologia clássica.

Em entrevista realizada à Pró- Reitoria de Extensão, fica evidente que a aplicação de um projeto interdisciplinar constitui uma tarefa desafiante com algum grau de complexidade

[...] porque a interdisciplinaridade não é juntar áreas de conhecimentos distintos, e aqui tem uma questão epistemológica bem interessante, porque, se mudam epistemologias com esse debate interdisciplinar com pressões sobre essa forma de produção do conhecimento passam a ser frutos também desse diálogo entre áreas [...]

Com a finalidade de nivelar o conhecimento entre os alunos das diferentes regiões latinas da América e Caribe, foi criado na UNILA um ciclo comum obrigatório constituído pelas seguintes disciplinas: Fundamentos da



América Latina, Metodologia e estudo das línguas: espanhol e português, como nos explica a coordenação de Relações Institucionais e Internacionais,

[...] dentro desse ciclo tem todos os cursos, nós temos a disciplina de Fundamentos da América Latina, onde todos os estudantes vão estudar sobre a América Latina, essa coisa da diversidade cultural, da diversidade de línguas, enfim e tudo que trata da América Latina. Temos os estudos das línguas, português para os estrangeiros e espanhol, para os brasileiros, e temos uma disciplina de Metodologia que é mais uma parte, na verdade de Filosofia que trata da epistemologia mais voltada para essa área; então, todos os alunos têm disciplinas obrigatórias do ciclo comum e, independentemente da área de cada um, eles tem que passar por esse ciclo comum de estudos.

Esse ciclo comum faz com que esses alunos observem a diversidade cultural no âmbito da América Latina, como primeiro passo para aprender a lidar com as diferenças, assim como a respeitar o outro. Além dessas disciplinas também existem programas extracurriculares que oferecem cursos opcionais, como é o caso da língua guarani, para aqueles que possuem esse interesse.

Os projetos de extensão promovem encontros de culturas através de eventos de dança típica e culinária típica, o que contempla a multiculturalidade e a interculturalidade.

Sobre o que se materializa como prática de construção de conhecimento na UNILA, a Pró-Reitoria de Extensão nos afirma que,

[...] é uma tentativa de nos repensarmos enquanto produção de conhecimento também, mas dentro dessas outras perspectivas, e aí há uma mudança epistemológica muito grande e uma mudança de se repensar tanto enquanto Universidade e assim desde o espaço mais micro à prática cotidiana, como trabalhar desde as referências bibliográficas às soluções teóricas, os autores, com quem vamos dialogar, até pensarmos nessa perspectiva mais macro com relação à proposta de Universidade, que daí vai estar (que eu já estou adiantando algumas questões) no nosso PPI, no próprio regimento, no próprio estatuto, tem todas essas questões colocadas: qual é a missão das nossas Universidades, mas também em uma dimensão ainda mais macro que é a dessa relação intercontinental ou entre os continentes [...].

Mesmo entre confrontos jurídicos, a UNILA se constrói como proposta de universidade popular, respeitando e promovendo a diversidade existente nos países da América Latina e, ao mesmo tempo, como proposta de



democracia omnilateral. Ao dinamizar o debate com a comunidade e entre os diversos grupos que a constituem, perspectiva-se como um modelo contra hegemônico e como uma espécie de “suporte acadêmico” das relações internacionais do Brasil com os países limítrofes, pertencentes ao Mercosul.

Notas inconclusivas

A política de constituição da UNILA é orientada por princípios filosóficos e metodológicos que pretendem estabelecer uma ruptura com a unidimensionalidade epistemológica que caracteriza os modelos tradicionais de educação superior. Como afirmamos ao longo do texto, a educação superior, de caráter elitista e de raiz humboldtiana, napoleônica e norte-americana é configurada por um único modelo de racionalidade - o ocidentocêntrico. Este modelo contribuiu para o silenciamento e exclusão da diversidade cultural e epistemológica existente no Brasil. Os fundamentos e princípios que sustentam e configuram o novo modelo em que a UNILA se enquadra têm um perfil contra-hegemônico e são esses fundamentos e princípios que sustentam as práticas de ensino, pesquisa e extensão, tal como a gestão da universidade: o bilinguismo e o multilinguismo, a interdisciplinaridade, a interculturalidade, a gestão democrática e a integração solidária. O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) afirma a universidade na sua vocação internacionalista de integração. Considerando que a América Latina tem sido marcada pela colonialidade do poder que se estende ao conhecimento e às instituições que o produzem, a UNILA surge como uma instituição de educação superior que tem na sua matriz institucional a descolonização das relações de poder e a abertura à afirmação de outros discursos e de outras racionalidades hostilizados e oprimidos pelas formas de poder colonial e neocolonial.

Referências

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1990.



CEPAL/UNESCO. **Educación y conocimiento: eje de la transformación productiva con equidad**. Santiago, 1992.

CI-UNILA. **A Unila em construção: um projeto universitário para a América Latina/ Instituto Mercosul de Estudos Avançados**. Foz do Iguaçu: IMEA, 2009.

CUNHA, L. A. Ensino Superior e a Universidade no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira Lopes *et al.* (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.151-204.

ESTERMANN, J. La letra con sangre no entra...Apuntes sobre una educación intercultural y descolonizadora. In: MENDIZABAL C.H., TEODORO, A.; MENDIZABAL, C.; LOURENÇO, F. & ROCA, M. Villegas. **Desafios de la diversidad para um cambio educativo** In. Interculturalidad y educación superior em América Latina. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2013.

FAVERO, Maria de Lourdes de A. **A universidade brasileira em busca de sua identidade**. Petrópolis: Vozes, 1977.

GENTILI, Pablo (Org.). **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**, 10. ed. São Paulo: Vozes, 1997.

MIGNOLO, W. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidade lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

UNILA. **Plano de desenvolvimento institucional**. São Paulo, 2013-2017.

PHILIPPI JR, A.; NETO, A. J. S. **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação**. Barueri, SP: Manole, 2011.

QUIJANO, A. **Colonialidade y Modernidade/ Racionalidade**. Lima: Perú Indígena, v. 13, n.16, 1992.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgar (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLASCO, 2005.

ROMÃO, J. E. "Epistemologias" em confronto na internacionalização da Educação. In. ROMÃO, J. E.; MANFREDINI, I. (Orgs.). **Prometeu desencantado: Educação superior na Ibero-América**. Brasília: Liber, 2009. p.25.

SANTOS, B. de S. **Reconhecer para libertar. Os caminhos do cosmopolitismo cultural**. Porto: Afrontamento, 2004.

SANTOS, B. de S. **A gramática do tempo**. 7. ed. Porto: Afrontamentos, 2010.



SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice: o social e o político pós modernidade**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

STOER, S. R.; CORTESÃO, L.; CORREIA, J. A. (Orgs.). **A transnacionalização da educação: da crise da educação à educação da crise**. Lisboa: Afrontamento, 2001.

TAVARES, Manuel. Culturas e Educação: a Retórica do Multiculturalismo e a Ilusão do Interculturalismo. In. IX Colóquio de Pesquisa sobre instituições escolares, 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade Nove de Julho - UNINOVE, 2012. p. 1-18.

TAVARES, Manuel. **A Universidade e a pluridiversidade epistemológica: a construção do conhecimento em função de outros paradigmas epistemológicos não ocidentocêntricos**. São Paulo: Viena Gráfica, 2013. p.49-74.

TORRES, Carlos *et al.* **Curriculum universitário siglo XXI**. Entre Rios: s/ed., 1994.

UNESCO. **Tendência da educação superior para o século XXI**. Brasília: UNESCO/CRUB, 1999.

YAPU, Mario. **Transformación del Estado y desafíos de la Interculturalidad em educación superior: donde está la descolonización**. In. Interculturalidad y educación superior em América Latina. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2013.